



Carta do 27º Congresso Brasileiro do Aço

CONSUMO DE AÇO NO BRASIL RETROCEDE UMA DÉCADA ÚNICA SOLUÇÃO DE CURTO PRAZO É A EXPORTAÇÃO

O Instituto Aço Brasil realizou em São Paulo, nos dias 08 e 09 de junho, o 27º Congresso Brasileiro do Aço, reunindo cerca de 500 congressistas, dentre os quais representantes da indústria do aço, governo, setores da cadeia metal-mecânica, bancos, empresas de consultoria, academia, parlamentares e imprensa. Estiveram presentes na solenidade de abertura do congresso, o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o Secretário Executivo do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Fernando de Magalhães Furlan, e o Primeiro-secretário da Câmara dos Deputados, Deputado Beto Mansur.

Tendo como pano de fundo a recessão econômica no País e a adversa conjuntura do mercado internacional do aço, as apresentações e debates ao longo do Congresso evidenciaram a difícil situação da indústria brasileira do aço no enfrentamento da pior crise de sua história.

A conjugação de fatores conjunturais e estruturais acabou por reduzir drasticamente as atividades de setores intensivos em aço, impactando fortemente a demanda interna de produtos siderúrgicos e aprofundando o persistente processo de desindustrialização do País.

O consumo aparente de aço projetado para 2016 é de 18,2 milhões de toneladas, patamar de 2006: retrocesso de uma década. Nessa conjuntura a única solução de curto prazo é a exportação. Foi essa a principal conclusão do 27º Congresso Brasileiro do Aço.

Durante a conferência, foi evidenciado o agravamento da crise da indústria do aço. Depois de reduzir o quadro em 29.740 pessoas no biênio 2014 e 2015, a previsão do setor é fechar o 1º semestre do ano com quase 11,3 mil demissões. Cinco altos fornos estão parados. A siderurgia brasileira opera atualmente utilizando pouco menos de 60% de sua capacidade instalada, nível mais baixo até hoje atingido, impactando diretamente o resultado das empresas. Para retomar seu nível histórico de 80%, é preciso incrementar a produção em cerca de 08 milhões de toneladas.

É imprescindível, entretanto, que as exportações tenham sustentabilidade. Apesar do aumento de 40% no volume de exportações no ano passado, a queda no faturamento foi de 3,3%. O aço brasileiro precisa, portanto, ser competitivo no cenário internacional. Essa perda da competitividade considerado apenas o custo financeiro e os tributos e encargos não recuperáveis monta a mais de US\$ 60/t de aço. O reestabelecimento da alíquota do Reintegra foi defendido por representantes da indústria de transformação presentes no evento.

Outra questão amplamente discutida no Congresso diz respeito à China, que detém mais da metade do excedente de capacidade instalada no mundo (440 milhões de toneladas), vem apresentando ritmo de exportações de 130 milhões de toneladas com preços subsidiados e aviltados. Foi consenso que a China não pode ser reconhecida como economia de mercado.

Consumo de aço, quase uma década de retrocesso

A indústria brasileira do aço vive a pior crise da sua história. Depois de reduzir o quadro em 29.740 pessoas no biênio 2014 e 2015, a previsão do setor é fechar o 1º semestre do ano com quase 11,3 mil demissões e um total de cinco altos fornos parados. A previsão do Instituto Aço Brasil é de que a produção de aço – estimada em 31,0 milhões de toneladas – seja 6,8% menor este ano do que em 2015, enquanto as vendas recuam 10,0%, totalizando 16,4 milhões de toneladas. O consumo aparente projetado para 2016 é de 18,2 milhões de toneladas, queda de 14,4%, voltando ao patamar de 2006.

No acumulado de janeiro a maio de 2016, a produção brasileira de aço bruto foi 13,2% inferior do que no mesmo período de 2015, totalizando 12,3 milhões de toneladas, segundo o Instituto Aço Brasil. Já as vendas internas de produtos siderúrgicos caíram 18,4%, chegando a 6,7 milhões de toneladas. O consumo aparente de aço no País foi de 7,4 milhões de toneladas, o que representa redução de 25,8% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os indicadores refletem a convergência de fatores conjunturais e estruturais. No plano conjuntural, o cenário político-econômico nacional foi determinante para que os principais setores consumidores de aço: automotivo, construção civil e de máquinas e equipamentos registrassem quedas sucessivas em seus resultados, encolhendo substancialmente o mercado interno de aço. No

plano estrutural, a manutenção das assimetrias competitivas evidencia ainda mais as dificuldades que a indústria nacional tem historicamente de concorrer com seus competidores internacionais.

A exportação, no curto prazo, é o único caminho para melhorar o grau de utilização de capacidade instalada na ordem de 60%. Mas o setor convive com excedentes de capacidade produtiva internacional que ultrapassam 700 milhões de toneladas que levam a práticas predatórias e desleais de comércio e preços depreciados.

Além disso, as assimetrias competitivas, principalmente devido aos elevados custos financeiros e aos resíduos tributários, não tem permitido que as empresas obtenham retorno financeiro das exportações.

É fundamental que, nesse contexto, o governo invista em mecanismos de defesa comercial ágeis e eficazes, não reconheça a China como economia de mercado e contribua para o aumento da competitividade da indústria do aço brasileira. Para aumentar essa competitividade é preciso reestabelecer alíquota do Reintegra em 5%, conforme previsto no parágrafo 2º, art. 22 da lei 13.043/2014. Ou seja, alíquota que compense os resíduos tributários. Tais ações são fundamentais para a sobrevivência da indústria do aço brasileira.



Arquivo do Instituto Aço Brasil

Alexandre de Campos Lyra
Presidente do Conselho Diretor do Instituto Aço Brasil / Vice-Presidente Setorial do Grupo Siderúrgico na América do Sul

Rafael Rubio
Diretor Geral da Alacero

Executivo da Vallourec, Alexandre de Campos Lyra é o novo presidente do Conselho Diretor do Aço Brasil

A abertura do Congresso Brasileiro do Aço, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo, foi marcada pela posse de Alexandre de Campos Lyra, Vice-Presidente Sênior do Grupo Vallourec na América do Sul, como novo presidente do Conselho Diretor do Aço Brasil. “Minha expectativa é dar continuidade ao excelente trabalho desempenhado pelo Conselho Diretor anterior e toda equipe do Instituto Aço Brasil, que tem feito uma gestão do setor com muito profissionalismo. Neste momento de transição do Governo Federal, nosso desafio é criar vínculos com os novos atores da nova administração e colocar na pauta de urgência os temas que podem ajudar o setor siderúrgico a sair desta crise”, afirmou Alexandre durante o evento.



Entrada da China na OMC preocupa países produtores de aço



Se a China for aceita na Organização Mundial do Comércio no final de 2016, o que acontecerá com a indústria do aço nos países produtores dos blocos comerciais?

Considerada uma das maiores especialistas em economia chinesa, a conferencista do painel “China – Economia de Mercado?”, realizado durante o Congresso Brasileiro do Aço, Usha Haley apresentou números impressionantes sobre o tema. De acordo com Haley, a indústria do aço chinesa passou a ser subsidiada pelo Estado desde o final da década de 50, quando o líder Mao Tse Tung viu no setor um importante pilar para impulsionar o desenvolvimento econômico e social do país. Atualmente, esta indústria é fragmentada e está presente em todas as províncias, com cerca de 10 mil unidades produtoras. “No capitalismo chinês, o Estado controla 4/5 dos ativos financeiros e subsidia energia e insumos. Mesmo aumentando sua dívida, o governo continua injetando capital porque realiza o que chama de financiamento social da indústria. No entanto, não aumenta sua eficiência”, explicou ela. A China produz diariamente 2,3 milhões de toneladas de aço, o que a faz figurar disparada em primeiro lugar no ranking dos países produtores, com 52% do total de aço fabricado, seguido muito de longe pelo Japão, com 6%.

Oportunidade na crise: indústria brasileira do aço já reúne iniciativas de sucesso em direção à economia circular

Um novo modelo de economia, que adote estratégias de longo prazo, gerando riquezas sem aniquilar o meio ambiente, permitindo maior acesso aos bens e aos produtos. Este novo olhar faz parte do conceito da economia circular, uma economia regenerativa e restaurativa por princípio, um novo sistema que elimina a noção de resíduos, mantendo os materiais, sejam eles técnicos ou biológicos, em sua mais alta utilidade e valor o tempo todo. Este foi o tema do terceiro painel do Congresso Brasileiro do Aço, que teve o professor titular do Departamento de Economia da USP, Ricardo Abramovay, como conferencista convidado. “A indústria precisa se reinventar e a humanidade vai precisar cada vez mais de metais para atender suas necessidades básicas até 2100. E o aço pode tirar vantagem disso com inovação”, salientou o professor. Os palestrantes do painel ainda destacaram que a indústria brasileira do aço, diante da sua maior crise, tem oportunidades únicas de se transformar rumo à economia circular. E isso pode se dar tanto capturando valores perdidos ao longo do processo nos atuais modelos lineares de produção e consumo, como utilizando novas tecnologias para ser um direcionador de mudanças sistêmicas para a economia circular, dado que é responsável pela colocação de materiais básicos na economia.

Sustentabilidade: indústria do aço reaproveita 88% dos coprodutos e resíduos gerados



Durante o processo produtivo da indústria brasileira do aço cerca de 20 milhões de toneladas de coprodutos e resíduos são gerados por ano, mas em 2014 e 2015 o setor conseguiu reaproveitar, respectivamente, 87% e 88% deste material em sua própria produção ou em outros segmentos industriais, como o do cimento. Apesar da crise, as empresas do setor mantiveram seus investimentos em ações de proteção ambiental, que alcançaram R\$ 2,5 bilhões nestes dois anos. Metade da energia consumida nos processos produtivos, por exemplo, já é gerada pelas próprias indústrias e mais de 95% da água está sendo recirculada no processo de produção. Estes dados constam no Relatório de Sustentabilidade, que foi divulgado pelo Instituto Aço Brasil, durante o Congresso Brasileiro do Aço.

De edição bianual, o relatório demonstra que a indústria do aço está comprometida com os princípios da economia circular, baseada na regeneração e na reciclagem dos recursos naturais e na valorização dos recursos humanos. "O Brasil vem cumprindo seu dever de casa e não deixa a dever a nenhum parque industrial do mundo", destacou Luiz Paulo Barreto, Diretor Corporativo Institucional da Companhia Siderúrgica Nacional, durante o lançamento.

Instituto Aço Brasil lança a cartilha "Boas Práticas na Produção de Carvão Vegetal"

Também foi lançado no Congresso a cartilha "Boas Práticas na Produção de Carvão Vegetal". A publicação será distribuída nas regiões brasileiras, onde se concentra a maior parte dos produtores de carvão, e tem como finalidade esclarecê-los e



orientá-los sobre medidas a serem adotadas na produção de carvão vegetal para evitar danos ao meio ambiente e proteger os trabalhadores de acidentes e de problemas de saúde provocados pela atividade.

A indústria do aço brasileira caminha para obter a autossuficiência na produção de carvão vegetal para a produção de ferro gusa e aço. Da madeira utilizada para a produção de carvão vegetal, em 2014, 85% foram oriundos de florestas próprias, 8% de florestas plantadas por terceiros e 7% de resíduos florestais legais. Já em 2015, 86% eram oriundas de florestas plantadas próprias, 10% de terceiros e 4% de resíduos florestais legais.

Além disso, a cartilha contém instruções sobre temas como replantio de florestas e origem da madeira, uso de equipamentos de segurança e direitos dos trabalhadores.



Luiz Paulo Barreto, *conselheiro do Aço Brasil e diretor corporativo institucional da CSN, fala sobre a cartilha no painel "Economia Circular - Transição para um novo modelo" durante o 27º Congresso Brasileiro do Aço.*



Cerca de 500 congressistas estiveram presentes no evento.

Benjamin Mario Baptista e Alexandre de Campos Lyra na cerimônia de posse da presidência do Conselho Diretor do Instituto Aço Brasil



Robson Braga de Andrade (Presidente da Confederação Nacional da Indústria - CNI), Décio da Silva (Presidente do Conselho da WEG), José Carlos Rodrigues Martins (Presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção), Marco Antônio Saltini (Vice-Presidente da Anfavea) e Marco Polo de Mello Lopes (Presidente Executivo do Instituto Aço Brasil).

Benjamin Mario Baptista (Presidente da ArcelorMittal Brasil), Joachim Schröder (Sócio Gerente da Research & Consulting Group AG), John E. Lichtenstein (Diretor da Accenture) e Sarah Macnaughton (Consultora - Análise de Custos da CRU)





Luiz Paulo Barreto (Conselheiro do Aço Brasil / Diretor Corporativo Institucional da CSN), Ricardo Abramovay (Professor Titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade – USP), Luísa Santiago (Líder Programa CE100 Brazil da Fundação Ellen MacArthur) e Alexandre Fernandes (Sócio-fundador da EPEA Brasil).

Alexandre de Campos Lyra (Presidente do Conselho Diretor do Aço Brasil / Vice-Presidente Sênior do Grupo Vallourec na América do Sul), Usha Haley (Professora de Administração da Universidade de West Virginia EE.UU.), Aluisio de Lima-Campos (Professor-adjunto na American University Washington College of Law / Presidente do ABCI Institute), Laurent Ruessmann (Sócio da Field Fisher Waterhouse / Consultor da AEGIS) e Rafael Rubio (Diretor Geral da Alacero)



Antonio Delfim Netto (Economista), André B. Gerdau Johannpeter (Conselheiro Aço Brasil / Diretor-Presidente CEO da Gerdau), Benjamin Steinbruch (Conselheiro Aço Brasil / Diretor-Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN), Jefferson De Paula (Conselheiro do Aço Brasil / CEO da ArcelorMittal Aços Longos - Américas Central e do Sul), Sergio Leite (Conselheiro do Aço Brasil / Diretor-Presidente da Usiminas) e Germano de Paula (Consultor e Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia)



Cerimônia de encerramento com Alexandre de Campos Lyra (Presidente do Conselho Diretor do Aço Brasil / Vice-Presidente Sênior do Grupo Vallourec na América do Sul).



O consumo aparente nacional, em maio de 2016, foi de 1,5 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, 15,8% menor que o mesmo mês do ano anterior. No acumulado até maio, o consumo aparente alcançou 7,4 milhões de toneladas, 25,8% menor quando comparado ao mesmo período de 2015.

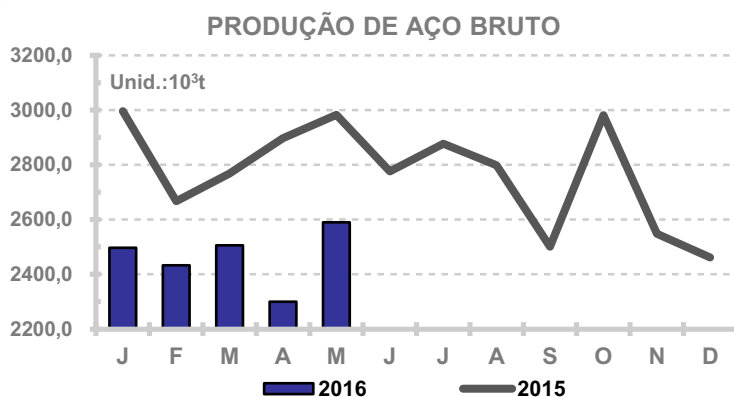
Quanto às vendas internas, o resultado de maio de 2016 foi de 1,4 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, redução de 10,2% em relação a maio de 2015. As vendas acumuladas no ano caíram 18,4%, totalizando 6,7 milhões de toneladas.

As importações, devido ao fraco consumo de aço no país decorrente da crise econômica, apresentaram queda de 45,0% em relação a maio de 2015, totalizando 169 mil toneladas, o que corresponde em valor o montante de US\$ 155 milhões.

A produção brasileira de aço bruto em maio de 2016 foi de 2,6 milhões de toneladas, queda de 13,2% quando comparada com o mesmo mês em 2015. Em relação aos laminados, a produção de 1,7 milhão de toneladas em maio, representou uma redução de 9,7% quando comparada com o mesmo mês do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada em 2016 totalizou 12,3 milhões de toneladas de aço bruto e 8,4 milhões de toneladas de laminados, havendo redução de 13,9% e 16,7%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2015.

As exportações de produtos siderúrgicos em maio de 2016 atingiram 1,2 milhão toneladas, no valor de 443 milhões de dólares. Com isso, houve crescimento de 9,2% em volume e queda de 24,4% em valor, quando comparadas a maio de 2015.

Produção de Aço Bruto



MÊS	2015	2016
J	2.996	2.497
F	2.667	2.433
M	2.768	2.506
A	2.897	2.300
M	2.983	2.590
J	2.776	-
J	2.877	-
A	2.799	-
S	2.501	-
O	2.982	-
N	2.548	-
D	2.462	-